

NICK HORNBY

# Alta fidelidade

*Tradução*  
Christian Schwartz



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1995 by Nick Hornby  
Proibida a venda em Portugal.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
High Fidelity

*Capa*  
Alceu Chiesorin Nunes

*Preparação*  
Lígia Azevedo

*Revisão*  
Thaís Totino Richter  
Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Hornby, Nick  
Alta fidelidade / Nick Hornby ; tradução Christian Schwartz —  
1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: High Fidelity.  
ISBN 978-85-359-2302-5

1. Ficção inglesa I. Título.

---

13-06354

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:  
1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2013]  
Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone: (11) 3707-3500  
Fax: (11) 3707-3501  
www.companhiadasletras.com.br  
www.blogdacompanhia.com.br

ANTES...

Em ordem cronológica, meus cinco términos de namoro mais memoráveis de todos os tempos, aqueles que eu levaria pra uma ilha deserta:

1. Alison Ashworth
2. Penny Hardwick
3. Jackie Allen
4. Charlie Nicholson
5. Sarah Kendrew

Esses foram os que doeram de verdade. Tá vendo seu nome aí no meio, Laura? Acho que, raspando, até entrava nos dez mais, mas entre os *top five* não tem lugar pra você; essa lista está reservada para aquele tipo de humilhação e desgosto que você simplesmente não é capaz de causar. Isso provavelmente soou mais cruel do que eu pretendia, mas o fato é que a gente já passou da idade em que é capaz de deixar o outro na pior, o que é uma coisa boa, e não uma coisa ruim, então não precisa levar pro

lado pessoal o fato de não ter entrado na lista. Essa época já era e, porra, demorou; ser infeliz realmente significava alguma coisa antes. Agora é só uma aporrinhção, tipo um resfriado ou falta de dinheiro. Se você queria detonar comigo de verdade, devia ter aparecido antes na minha vida.

## 1. ALISON ASHWORTH (1972)

Quase todo final de tarde a gente saía pra zoar no parque na esquina da minha casa. Eu morava em Hertfordshire, mas daria na mesma se morasse em qualquer subúrbio da Inglaterra: aquele era um típico subúrbio com seu típico parque — a três minutos de casa, bem em frente a uma rua com um pequeno comércio (um supermercado, uma banca de jornal, uma loja de bebidas). Nada ali em volta serviria como pista da localização geográfica do lugar; se o comércio estivesse aberto (e fechava sempre às cinco e meia da tarde, à uma às quintas, e nem abria aos domingos), seria possível entrar na banca e dar uma olhada no jornal local, mas nem isso revelaria muita coisa.

A gente tinha doze ou treze anos, e não fazia muito tempo que havia descoberto a ironia — ou, ao menos, o que eu mais tarde entendi que se chamava ironia: só nos permitíamos brincar nos balanços e no gira-gira e nos outros equipamentos infantis que enferrujavam por ali se fosse com certo tipo de distanciamento autoconsciente e irônico. Isso envolvia uma simulação de indiferença (assobiar, ou bater papo, ou manusear um maço de cigarros ou uma caixa de fósforos serviam bem ao propósito), ou um flerte com o perigo, e aí saltávamos dos balanços do ponto mais alto que podiam atingir, embarcávamos no gira-gira no pico de velocidade de seus giros, nos aboletávamos num dos extremos do barco viking até que, ali, atingíssemos uma posição quase vertical no ar. Uma

vez que se conseguisse provar que aquelas diversões infantis tinham potencial pra arrebentar a cabeça de alguém, brincar no parquinho se tornava, de certa forma, aceitável.

Não sabíamos o que era ironia, porém, quando se tratava de meninas. Não tínhamos tido tempo ainda pra desenvolvê-la. Uma hora elas nem existiam, não de um jeito que pudesse nos interessar, de qualquer maneira, e de repente a gente não podia mais se livrar delas; estavam por toda parte, em todo canto. Uma hora o que a gente queria era dar uns cascudos nelas por serem nossas irmãs, e de repente o que a gente queria era... a gente não sabia bem o que passou a querer de repente, na verdade, mas era alguma coisa, alguma coisa. Quase que da noite pro dia, aquelas irmãs todas (não havia nenhum outro tipo de menina até então) tinham se tornado interessantes, *perturbadoras* até.

Vejam, o que tínhamos nós de diferente do que tivéramos até ali? Vozes esganiçadas, mas isso não ajuda muito, sério — só te torna ridículo, não desejável. E nossos nascentes pelos púbicos eram um segredo nosso, estritamente guardado entre nós e nossas cuecas, e demoraria anos até que uma representante do sexo oposto pudesse verificar que eles estavam ali, bem onde deveriam estar. As meninas, por outro lado, muito claramente tinham peitos, e um novo jeito de andar, como complemento: braços cruzados na frente, uma postura que simultaneamente disfarçava a novidade e chamava atenção pra ela. E também tinha a maquiagem e o perfume, invariavelmente baratos e às vezes aplicados de uma maneira desajeitada, até cômica, mas ainda assim um sinal aterrador de que as coisas progrediam sem nós, longe de nós, pelas nossas costas.

Comecei a ficar com uma delas... não, não foi bem assim, porque não tive absolutamente participação nenhuma no processo de decisão. E também não posso dizer que ela começou a ficar comigo: a expressão “ficar com” é que é o problema, pois

meio que sugere algo de igual pra igual, uma paridade. O que aconteceu foi que a irmã do David Ashworth, Alison, se destacou do bloco feminino que se reunia todo final de tarde perto do banco do parque e me adotou, me colocou debaixo da asa e me tirou de perto do barco viking.

Não consigo lembrar agora como foi que ela fez isso. Não acho que eu estivesse nem mesmo consciente do que acontecia, ali na hora, porque no meio do nosso primeiro beijo, do meu primeiro beijo, ainda me lembro de ter me sentido completamente pasmo e totalmente incapaz de explicar como tinha sido que a Alison Ashworth e eu nos tornáramos íntimos daquele jeito. Não tinha certeza nem de como fora parar do lado das meninas no parque, longe do irmão dela e do Mark Godfrey e do resto dos meninos, tampouco de como tínhamos nos afastado do bloco feminino, ou ainda de como a Alison havia feito pra insinuar, movendo o rosto na minha direção, que eu devia colocar minha boca na dela. O incidente todo desafia qualquer explicação racional. Mas essas coisas todas aconteceram, e depois aconteceram mais uma vez, a maioria delas, no fim da tarde seguinte, e na tarde depois dessa também.

O que é que eu achava que estava fazendo? O que é que ela achava que estava fazendo? Hoje, quando tenho vontade de beijar pessoas daquele jeito, na boca e com língua e tudo mais, é porque quero outras coisas também: sexo, cinema na sexta à noite, companhia e bate-papo, família e amigos compartilhados, remédio na cama quando estou doente, ouvidos interessados nos meus discos e CDs, talvez um menininho chamado Jack e uma menininha chamada Holly ou Maisie, ainda não me decidi. Mas eu não queria nenhuma dessas coisas da Alison Ashworth. Filhos, não, porque a gente era criança, nem cinema na sexta à noite, porque íamos aos sábados de manhã, tampouco remédio na cama, porque era minha mãe quem ia buscá-los, nem mesmo

sexo, sexo, particularmente, é que não, Deus me livre, a mais imunda e aterradora invenção daquele início dos anos 70.

Então qual era a justificativa para aquela pegação? A verdade é que não tinha justificativa; a gente estava simplesmente perdido nas trevas. Um pouco por imitação (pessoas que eu já havia visto beijar até 1972: James Bond, Simon Templar, Napoleon Solo, Barbara Windsor e Sid James, ou talvez Jim Dale, Elsie Tanner, Omar Sharif e Julie Christie, Elvis, e um monte de outras pessoas em preto e branco que minha mãe queria assistir, embora essas nunca mexessem a cabeça de um lado pro outro), um pouco por sujeição aos hormônios, outro tanto por pressão da turma (o Kevin Bannister e a Elizabeth Barnes já estavam naquilo fazia umas duas semanas) e mais um tanto por pânico cego... Não havia consciência, ou desejo, ou prazer, para além de um frio na barriga desconhecido e mais ou menos gostoso. Éramos animaizinhos, o que não queria dizer que, depois de uma semana, estaríamos arrancando nossas camisetas; significava apenas que, metaforicamente falando, tínhamos começado a farejar a bunda um do outro sem achar o odor ali completamente repulsivo.

Mas, escuta só, Laura. Na quarta tarde do nosso relacionamento, cheguei ao parque e a Alison estava sentada no banco, abraçada ao Kevin Bannister, e nem sinal da Elizabeth Barnes. Ninguém — nem a Alison, nem o Kevin, nem eu, nem os retardados esperando sua iniciação sexual enquanto se aboletavam num dos extremos do barco viking — ninguém disse nada. Fiquei tonto, vermelho, e de repente tinha esquecido como fazia pra andar sem ter que perceber cada parte do meu corpo. O que fazer? Pra onde ir? Eu não queria briga; não queria sentar lá com os dois; não queria ir pra casa. Então, olhando fixamente pros maços vazios de cigarro que dividiam o pátio entre meninas e meninos, e sem levantar a cabeça, olhar pra trás ou pra nenhum



dos lados, voltei às numerosas fileiras de meninos solteiros junto ao barco viking. No meio do caminho, cometi meu único erro de avaliação: parei e consultei meu relógio, e juro pela minha vida que não sei o que estava tentando com aquilo ou quem eu queria enganar. Que tipo de compromisso marcado, afinal, poderia ter levado um menino de treze anos a dar as costas a uma menina e seguir na direção do parquinho, palmas das mãos suadas, coração acelerado, tentando desesperadamente não chorar? Com certeza nenhum compromisso marcado pras quatro horas de alguma tarde no final de setembro.

Filei um cigarro do Mark Godfrey e fui sentar sozinho no gira-gira.

“Vaca”, disparou o irmão da Alison, David, e sorri agradecido pra ele.

E foi isso. Onde é que eu tinha errado? Primeira tarde: parque, cigarro, pegação. Segunda tarde: idem. Terceira tarde: idem. Quarta tarde: pé na bunda. Tá bom, tá bom. Talvez eu devesse ter percebido os sinais. Talvez estivesse pedindo para aquilo acontecer. Lá pela segunda tarde, devia ter me dado conta de que a relação estava estagnada, de que eu tinha deixado as coisas se deteriorarem a ponto de ela procurar outro. Mas ela podia ter tentado me avisar! Podia pelo menos ter me dado mais uns dias pra acertar o passo!

Minha relação com a Alison Ashworth tinha durado seis horas (as duas horas entre a saída da escola e a hora do programa *Nationwide* na tevê, multiplicadas por três dias), de modo que nem dá pra argumentar que eu já tinha me acostumado com a companhia da menina, que não sabia o que fazer sem ela. Na verdade, mal consigo lembrar qualquer coisa sobre a Alison hoje. Cabelo preto comprido? Talvez. Baixinha? Mais baixa que eu, certamente. Olhos puxados, quase orientais, rosto moreno? Essa pode ser a descrição dela ou de alguma outra pessoa. Sei lá. Mas,

se estivéssemos pensando nessa lista pelo grau de sofrimento causado, colocaria a Alison lá em cima, no segundo lugar. Seria legal pensar que, à medida que fui ficando mais velho, os tempos mudaram, as relações se tornaram mais sofisticadas, as mulheres menos cruéis, o couro mais grosso, as reações mais afiadas, os instintos mais desenvolvidos. Mas parece que alguma coisa daquele final de tarde persiste em tudo o que me aconteceu desde então; todas as minhas histórias românticas seguintes parecem ser versões daquela primeira. Claro, nunca mais tive que percorrer aquele longo trajeto, minhas orelhas queimando com a mesma fúria, e nunca mais precisei contar maços de cigarro pra evitar os olhares gozadores e uma enxurrada de lágrimas... na verdade não, de fato não, não daquele jeito. É só que, às vezes, parece que sim.

## 2. PENNY HARDWICK (1973)

Penny Hardwick era uma boa menina, e hoje em dia sou fã de boas meninas, mas não tinha tanta certeza disso na época. Ela tinha um bom pai e uma boa mãe, uma boa casa, espaçosa, com um quintal, uma árvore e um laguinho de peixes, e tinha o corte de cabelo de uma boa menina (era loira e usava o cabelo na altura do ombro, aparência imaculadamente saudável e esportiva, estilo representante de turma), os olhos sorridentes de uma boa menina e uma irmã mais nova que era uma boa menina e sorria educadamente quando abria a porta pra mim e colaborava quando queríamos que sumisse de vista. A Penny tinha os modos de uma boa menina — minha mãe adorava ela — e um boletim de boa menina. A Penny era graciosa e seus cinco cantores favoritos eram Carly Simon, Carole King, James Taylor, Cat Stevens e Elton John. Muita gente gostava da Penny. Ela era tão boa menina, na verdade, que não me deixava colocar a mão por

baixo, ou sequer por cima, do seu sutiã, e então terminei com ela, embora não tenha dito por quê, obviamente. Ela chorou e a odiei por isso, porque fez com que eu me sentisse mal.

Posso imaginar que tipo de pessoa a Penny se tornou: uma boa pessoa. Fiquei sabendo que fez faculdade, se saiu bem e acabou conseguindo emprego como produtora de rádio na BBC. Aposto que é uma mulher inteligente, compenetrada, talvez às vezes um pouco demais, e ambiciosa, mas não aquele tipo de gente ambiciosa que dá náuseas; ela já era uma mistura dessas coisas quando a gente namorou, e, em outro momento da minha vida, eu teria achado aquelas qualidades todas atraentes. Na época, porém, não estava interessado em qualidades, só em peitos, portanto ela não era pra mim.

Eu queria poder dizer a você que conversávamos longamente sobre coisas interessantes e que mantivemos uma amizade sólida ao longo dos nossos anos de adolescência — ela seria uma boa amiga —, mas não acho que alguma vez a gente tenha conversado. A gente ia ao cinema, ia a festas e discotecas, e se engalfinhava. Se engalfinhava no quarto dela, no meu quarto, na sala da casa dela, na sala de estar da minha casa, nos quartos das casas onde fossem as festas, nas salas das casas onde fossem as festas e, no verão, se engalfinhava onde quer que houvesse um pedaço de gramado. E a gente se engalfinhava sempre pela mesma razão. Às vezes eu ficava tão entediado de tentar uma pegadinha nos peitos dela que fazia uma incursão ao meio das pernas, um gesto que era um pouco como debochar da própria desgraça: como tentar arranjar cincão emprestado e, tendo o pedido negado, responder que então pode ser quinze.

Era o tipo de pergunta que rolava entre os meninos da minha escola (uma escola só de meninos): “Já pegou?”; “Ela deixa você pegar?”; “Ela deixa por dentro ou por fora?”, e assim por diante. Às vezes eram perguntas em tom de gozação, pras

quais se esperava um “não” como resposta: “Ela não tá te deixando nem encostar, né?”; “Ainda não rolou nem uma pegadinha, hein?”. As meninas, por sua vez, tinham que se contentar em falar na voz passiva. Penny usava a expressão “ser tocada”: “Ainda não estou preparada pra ser tocada”, ela se justificava, paciente e talvez um pouco triste (parecia compreender que um dia — mas não ainda — precisaria ceder e que, quando acontecesse, não ia gostar daquilo), enquanto removia pela milésima vez minha mão pousada próxima a um dos peitos. Ataque e defesa, invasão e expulsão... era como se aqueles peitos fossem pequenas porções de território que tivessem sido ilegalmente anexadas pelo sexo oposto — eram território nosso por direito e o queríamos de volta.

Felizmente, porém, havia traidoras, quintas-colunas, nas fileiras opositoras. Alguns meninos conheciam outros meninos que tinham “autorização” das namoradas pra fazer o que bem quisessem; em certos casos, as tais namoradas teriam ainda participado ativamente ao serem molestadas. Ninguém nunca ouvira falar de uma menina que tivesse chegado a se despir ou mesmo a tirar ou afrouxar os acessórios íntimos, claro. Isso teria sido participar ativamente demais. Segundo o que eu entendia, as meninas em questão tinham apenas se posicionado de forma a incentivar o acesso. “Ela encolhe a barriga e tudo”, comentou o Clive Stevens, em aprovação à namorada do irmão dele; levei quase um ano pra sacar como era fundamental a manobra. Não admira que ainda lembre o nome da menina que a executava tão bem (Judith); uma parte de mim ainda quer conhecê-la.

Leia qualquer revista feminina e você encontrará ali a mesma queixa repetidas vezes: os homens — aqueles meninos, só que dez, vinte ou trinta anos depois — são um desastre na cama. Não

estão interessados nas “preliminares”; não desejam estimular as zonas erógenas do sexo oposto; são egoístas, fominhas, desajeitados, toscos. Impossível não ver em tais queixas algo de irônico. Naquela época, tudo o que a gente queria eram preliminares, mas as meninas não estavam interessadas. Não queriam ser tocadas, acariciadas, estimuladas, excitadas; na verdade, era comum que qualquer tentativa do tipo fosse repreendida com murros. Não surpreende tanto, na verdade, que não sejamos muito bons nessas coisas. Passamos dois ou três longos e extremamente educativos anos aprendendo, na marra, a nem sequer pensar nelas. No intervalo entre os catorze e os vinte e quatro anos, as preliminares passam de algo que os meninos querem fazer e as meninas não a alguma coisa que as mulheres desejam e pra qual os homens não têm paciência. (Ou pelo menos é o que eles dizem. Eu, particularmente, gosto das preliminares — em grande parte porque a época em que tudo o que eu queria era dar uma pegadinha continua alarmantemente acesa na minha cabeça.) Se quer saber o que eu acho, a leitora de revista feminina e o menino de catorze anos formariam o par perfeito.

Se alguém, naquela época, me perguntasse por que eu era tão obcecado por um naco dos peitos da Penny Hardwick, não saberia o que dizer. E, se alguém perguntasse pra Penny por que tanta obsessão em me impedir de tocá-los, aposto que ela também teria penado pra responder. O que é que eu tanto queria? Não estava, com aquilo, pedindo algum tipo de reciprocidade, afinal. E por que ela não desejava ter suas zonas erógenas estimuladas? Não faço ideia. Tudo o que sei é que a gente podia, se quisesse, encontrar as respostas pra todo tipo de pergunta difícil ali, enfiadas naquele interregno entre o primeiro pelo púbico e a primeira camisinha usada.

E, também, talvez eu nem quisesse colocar a mão por baixo do sutiã da Penny tanto quanto pensava que queria. Talvez

outras pessoas quisessem mais do que eu mesmo que eu fizesse isso. Depois de uns dois meses me engalfinhando com a Penny em tudo quanto era sofá da cidade, entreguei os pontos: tinha admitido a um amigo, coisa que não deveria ter feito, pensando agora, que não estava chegando a lugar nenhum, meu amigo tinha contado a alguns outros amigos e virei o idiota alvo de chacotas cruéis e desagradáveis. Dei à Penny uma última chance, no meu quarto, numa noite em que minha mãe e meu pai tinham ido ao teatro assistir a uma montagem local de *Toad of Toad Hall*; forcei a barra de um jeito que teria assustado e deixado indignada uma mulher adulta, mas não consegui nada, e mal nos falamos quando a acompanhei até a casa dela.

No encontro seguinte, fui displicente e, ao tentar me beijar no fim da noite, ela recebeu um chega pra lá. “Qual é a graça disso?”, perguntei. “Nunca dá em nada.” Quando a gente voltou a se ver, ela me perguntou se eu queria continuar a ficar e virei a cara. Tínhamos ficado juntos três meses, o que, no oitavo ano, era o mais perto que se conseguia chegar de um relacionamento estável. (A mãe e o pai dela tinham até chegado a conhecer minha mãe e meu pai. E simpatizaram.) Aí ela chorou, e eu a odiei por me fazer sentir culpado e porque ela que tinha me levado a terminar.

Fiquei com uma menina chamada Kim, que eu sabia que já tinha liberado e (acertei no prognóstico) não teria problemas em liberar pra mim; Penny começou a ficar com o Chris Thomson, um menino que era meu colega de sala e tinha no currículo mais namoradas do que todos nós, os outros, juntos. Eu estava em território estranho, e ela também. Certa manhã, talvez umas três semanas depois da minha última engalfinhada com a Penny, o Thomson entrou na sala aos berros. “Ei, Fleming, seu mongu. Adivinha quem eu encaçapei ontem à noite?”

Senti a sala rodar.

“Em três meses não rolou nem uma pegadinha nos peitos com você, e já na primeira semana eu transei com ela!”

Acreditei no cara; todo mundo sabia que ele era capaz de conseguir o que quisesse de quem quisesse. Eu havia sido humilhado, batido, posto no chinelo; me senti idiota, pequeno e muito, muito mais novo do que o retardado do Thomson, aquele grandalhão desagradável e bocudo. Não devia ter me importado tanto. O Thomson ocupava uma classe especial nos assuntos envolvendo o baixo ventre, e tinha um monte de nerдинhos cabachos na outra turma do oitavo ano que nunca tinham chegado perto de andar abraçado com uma menina. Mesmo o lado da contenda em que eu estava, ainda que não fosse ouvido, devia lhes parecer incrivelmente sofisticado. Não tinha ficado assim tão feio pra mim. Mas eu não conseguia entender o que acontecera. Como teria se dado aquela transformação na Penny? Como ela tinha passado de uma menina que não deixava nada pra uma menina que deixava tudo? Talvez fosse melhor não pensar muito sobre o assunto; não queria me sentir mal por mais ninguém além de mim mesmo.

Espero que a Penny tenha superado bem essa fase, sei que eu superei, e suspeito que até o Chris Thomson tenha conseguido crescer sem se tornar a pior pessoa do mundo. Pelo menos é difícil imaginá-lo irrompendo naquele banco ou seguradora ou concessionária de carros onde arranjou emprego, largando com estrondo a pasta de trabalho e informando com euforia tosca a um dos colegas que “encaçapou” a esposa do dito cujo. (Não é tão difícil de imaginar, porém, que ele tenha mesmo encaçapado a mulher. O Thomson já parecia, naquela época, do tipo encaçapador de esposas.) Mulheres que recriminam os homens — e há muita coisa a ser recriminada neles — deveriam se lembrar de como começamos e do caminho que tivemos de percorrer.